

EDUARDO ALEXANDRE TELES BEZERRA

**INSTITUIÇÃO TOTAL E DESPERSONALIZAÇÃO: ANÁLISE
PSICOSSOCIAL DA OBRA MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE GRACILIANO
RAMOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^o Esp. Bryan Silva Andrade

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2013

INSTITUIÇÃO TOTAL E DESPERSONALIZAÇÃO: ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA OBRA MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE GRACILIANO RAMOS.

Eduardo Alexandre Teles Bezerra¹

Bryan Silva Andrade²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, a análise do livro, Memórias do Cárcere, de autoria de Graciliano Ramos, com a finalidade de discutir a partir de seus relatos o processo de despersonalização que o acometera durante suas passagens pelo cárcere. O referido trabalho consta inicialmente de uma breve explanação da obra Memórias do Cárcere de autoria de Graciliano Ramos. Em seguida é feita a análise dos relatos do autor em relação ao processo de despersonalização que o acometera em sua passagem pelo cárcere. O referido processo é analisado a partir de três aspectos: cisão entre o mundo social e o da instituição; o processo de admissão e o impacto das rotinas, regulamentos e normas da instituição que são impostas ao interno. A metodologia utilizada é bibliográfica de cunho exploratório, de caráter qualitativo e de abordagem fenomenológica baseada nos seguintes autores: Ramos (1998); Goffman (2008) e Foucault (1999, 2012). De acordo com o que foi analisado e discutido, evidencia-se o conflito psíquico gerado pelo processo de despersonalização que o cárcere impôs ao escritor Graciliano no período da ditadura militar.

Palavras-chave: Instituição total. Despersonalização. Cárcere. Vigilância.

ABSTRACT

This work aims at the analysis of the book, Memories of Prison, written by Graciliano Ramos, in order to discuss from their accounts the process of depersonalization that the raid during his spells at the jail. That initial work consists of a brief explanation of the work of the Prison Memoirs written by Graciliano Ramos. Then the analysis of the reports of the author in relation to the process of depersonalization that the raid in its passage through the prison is made. That process is analyzed from three aspects: split between the social world and the institution, the admissions process and the impact of routines, rules and regulations of the institution that are imposed on the procedure. The methodology is bibliographic exploratory nature of qualitative and phenomenological approach based on the following authors: Ramos (1998), Goffman (2008) and Foucault (1999, 2012). According to what has been analyzed and discussed, there is evidence of the psychic conflict generated by the depersonalization process that the writer Graciliano imposed jail during the military dictatorship.

Key-words: Total Institution. Depersonalization. Jail. Surveillance.

¹Concludente do Curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio (FALS). Email: eatbcrato@gmail.com

²Professor Orientador da Faculdade Leão Sampaio, Psicólogo UNIFOR, Especialista UECE. Email: bryan@leaosampaio.edu.br

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática de institucional e o processo de despersonalização provocado por pelo caráter total desses estabelecimentos, veio com as disciplinas de psicologia institucional e hospitalar, no qual percebi o grande impacto a estrutura psíquica do sujeito que esse processo gera.

Erving Goffman é o teórico central do referido trabalho, pois o mesmo discuti a problemática da despersonalização nas instituições totais (termo cunhado por ele) de forma clara e aprofundada no contexto da prisão.

As dificuldades encontradas para produzir o presente trabalho estão relacionadas à escassez de pesquisas e estudos que abordem as instituições totais, em especial o sistema prisional e mais especificamente, o processo de despersonalização que acomete o cárcere. Tem-se como objetivo desse estudo

O referido trabalho consta inicialmente de uma breve explanação da obra Memórias do Cárcere de autoria de Graciliano Ramos, com o objetivo de situar o leitor acerca do que posteriormente será analisado. Em seguida é feita a análise dos relatos do autor em relação ao processo de despersonalização que o acometera em sua passagem pelo cárcere. O referido processo é analisado a partir de três aspectos: cisão entre o mundo social e o da instituição (impostos por barreiras físicas e simbólicas de restrição a saída); o processo de admissão (compostos por uma série de rebaixamentos do eu) e o impacto das rotinas, regulamentos e normas da instituição que são impostas ao interno (como forma de discipliná-los e molda-los de acordo com o objetivo da instituição).

A metodologia utilizada é eminentemente bibliográfica de cunho exploratório, de caráter qualitativo e de abordagem fenomenológica baseada no levantamento de publicações impressas e digitais dos seguintes autores: Ramos (1998); Goffman (2008) e Foucault (1999, 2012) entre outros que contribuíram para a construção do presente trabalho.

1 MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Graciliano Ramos apresenta em sua obra, memórias do cárcere, um período muito conturbado da história do Brasil, a ditadura militar, abordando questões a partir de suas vivências no cárcere brasileiro. Graciliano foi preso em 1936 pelo regime de Vargas, sem ao menos explicar-lhe o motivo de sua reclusão. O mesmo ficou quase um ano sob o poder do estado, passando por vários cárceres nesse período. Na Casa de Detenção em Recife, conviveu apenas com presos políticos, que de certa forma estavam ali pela mesma situação. Já no Rio de Janeiro, na Colônia Correccional passou a conviver com os presos comuns, onde ele relata que foi o local em que foi submetido a mais dura despersonalização (RAMOS, 1998).

Além de narrar os fatos que o acometera nesse período, Graciliano através da escrita levanta uma série de temáticas interessantes sobre o mundo da prisão correlacionando com o momento sombrio em que o país passava. Assim, observa-se a força e poder do estado perante a sociedade, na qual poder-se-ia prender qualquer pessoa ou grupo que se opusesse ao regime implantado, e a censura era fortíssima nessa época. (RAMOS, 1998).

Por meio de seus relatos veementes detalhados, Graciliano possibilita ao leitor de certa forma vivenciar um pouco do que o ele passou nesse período. O autor problematiza com maestria o processo de despersonalização que o acometera no cárcere. Segundo Goffman (2008) é um processo progressivo que ocorre desde o momento em que o interno é admitido na instituição e durante toda a sua estadia na mesma, tanto provocado pela estrutura física, arquitetônica, quanto pela equipe dirigente que são responsáveis pela imposição da disciplina, das regras e normas da prisão.

1.1 PROCESSO DE DESPERSONALIZAÇÃO

Conforme Goffman (2008) quando o interno é inserido na prisão, ele possui uma concepção de si mesmo, ou como o autor coloca uma “cultura aparente” que tem como suporte, suas relações sociais. Esse referencial de

identidade é imediatamente atacado, ou seja, ocorrem rebaixamentos do eu e assim progressivamente ocorre sua mortificação. Isso se dá pelas aversivas e complexas padronizações e uniformidade de conduta, como vestimentas dos internos, na qual sua autonomia de conduta e pensamento são cercados, entre outras formas de despersonalização ocasionando uma confusão em sua autoimagem.

Esse processo de despersonalização provocado pelo caráter total das instituições é realizado por simples racionalizações, que tem como objetivo controlar os sujeitos que são postos aglomerados em um pequeno espaço, através de regulamentos e normas, melhor dizendo, através da disciplina, com a finalidade econômica de diminuir os gastos. (GOFFMAN, 2008)

A equipe dirigente da prisão é orientada para cumprir e impor aos encarcerados a disciplina de acordo com os objetivos determinados pela instituição. A forte racionalização, padronização tanto de conduta como de pensar inflige como consequência aos internos uma progressiva despersonalização de seu “eu”. Dessa forma, o que acomete o indivíduo no decorrer de sua inserção e estadia na prisão é implantada em três níveis: a primeira se evidencia pela cisão entre o mundo interno e externo a instituição, a segunda acontece no processo de admissão do interno à instituição e por ultimo, o impacto das rotinas impostas pelo regulamento e normas ao encarcerado, provocando uma tensão psicológica no sujeito (GOFFMAN, 2008).

1.1.1 A cisão entre mundo interno e externo

A prisão como qualquer outra instituição, independente de seu caráter, desde sua concepção sempre teve como finalidade a correção e/ou isolamento dos indivíduos. O sujeito que for considerado um perigo à manutenção da harmonia social é recluso no cárcere (ROMANINI E ROSO, 2012). Configurando assim, a primeira mutilação do eu, que ocorre a partir do momento em que a instituição estabelece uma cisão entre os dois mundos

interno/externo ao preso, provocando uma ruptura com os papéis que o sujeito desempenhava na sociedade (GOFFMAN, 2008). A partir desse processo consegue-se relacionar esses aspectos com o trecho do livro, Memórias do Cárcere, em que Graciliano fala que:

Sua vida anterior se diluía que se sentia perdido no pequeno prazo de vinte e quatro horas [...] no qual um muro o separava dela, que o alterava, o engrossava, e que na parte por dentro do muro, surgiam nuvens e incongruências, e que nos farrapos dessa realidade e sonho era doloroso pensar nessa forte despersonalização e não sabia como iria proceder dali em diante (RAMOS, 1998, vol. I, p.67).

As experiências do autor no cárcere elucidam uma realidade na qual os encarcerados passam ao ingressarem na instituição prisional que, tem como caráter principal de separar o sujeito de seu cotidiano em meio social.

O sistema carcerário tem em sua essência a penalidade de privação da liberdade do homem, no entanto não fora antes do século XIX a única medida legal de punição do indivíduo por infringir leis de determinada sociedade. A partir deste panorama, as penitenciárias como são conhecidas atualmente, seja em seu projeto desejado, no qual os infratores são postos em locais retidos do meio social com o propósito de reabilitá-los a partir da aplicação de uma pena justa perante seus atos, ou pela forma que acontece realmente, um lugar onde pessoas são aglomeradas sem nenhum respeito à dignidade humana e que ao invés de reabilitar o sujeito, o torna ainda mais vulnerável a desconfiguração de um cidadão moralmente correto (CREPOP, 2012).

Em um diálogo entre Graciliano e Hermes (companheiros de cela), o segundo quando indagado do motivo de sua prisão, respondera que não estava preso, e que o mesmo tinha arranjado uma farsa enquanto estavam vivendo afastados do mundo para visitar-lhe (RAMOS, 1998). O aspecto a ser analisado a partir das leituras de Goffman (2008) é relacionado a essa tomada de consciência, expressa na fala de Hermes sobre o caráter principal das instituições totalitárias, a cisão com o mundo externo.

A prisão enquanto instituição total, termo cunhado por Goffman (2008), traz a noção de que toda instituição em nossa sociedade tem uma tendência de “fechamento”, ou seja, possui restrições à saída de seus membros; barreiras

observadas em sua infraestrutura, simbolizadas por portões, muros entre outros impedimentos ao contato com o mundo fora da instituição. A prisão configura-se como um híbrido social; logo, sujeitos das mais diversas culturas, raças e ideologias são reunidos em locais decorrentes de suas ações em comum.

Esses estabelecimentos tornam-se parcialmente suas residências de acordo com o período de cumprimento de suas penas, além de se estabelecerem como organizações formais, nas quais o organograma da instituição estabelece papéis e deveres a executar. Reside fundamentalmente no interesse sociológico, desvendar e descrever as funções e consequências exercidas da instituição ao indivíduo, acarretando assim no comprometimento fiel e curável das praticas da instituição na reabilitação do preso (GOFFMAN, 2008).

Outro fato mencionado inúmeras vezes na obra é devido à consistência da comida que era oferecida aos presos, impalatável e insuficiente quanto aos nutrientes necessários para uma alimentação saudável e de sustância para o indivíduo. A recusa no investimento de uma melhor nutrição dos cárceres comprova o infortúnio vivenciado pelo personagem central descrito no seguinte trecho:

A comida era insuficiente e horrível a qual arruinava seus estômagos e intestinos, além de estarem na imensa “porcaria”, a qual duzentos indivíduos postos fora da sociedade, achatavam-se numa prensa de ódios em cima de ódio (RAMOS, 1998, vol. I, p.331).

Nas diversas investigações realizadas a respeito da real função das prisões em resposta a sociedade, evidencia-se que a partir destas análises feitas, o seu papel exercido até os dias atuais, tem sido o de segregar os indivíduos que são considerados ameaça à sociedade e submetê-los a condições geralmente desumanas (CREPOP, 2012). Assim, estes locais são tidos como estufas para transformar as pessoas; não em cidadãos moralmente corretos, mas como multiplicadores dessa criminalidade (GOFFMAN, 2008).

Em outro fragmento da obra, o autor narra outro fato que lhe causa angústia no cárcere, no qual se pudesse desabafar com Manuel Leal, seu companheiro de cela, “dir-lhe-ia que as viagens, mostruários, lábias de cometa, vendas, recibos, tudo se diluía nas sombras de um passado morto” (RAMOS,

1998, vol. I, p.159). Novamente nota-se o grande impacto vivenciado e elucidado por Graciliano diante da impactante divisão intra e extra muros. O internado tende a sentir que durante a sua estadia obrigatória na prisão foi totalmente exilado da vida.

Os presídios são por alguns conceituados como estabelecimentos que têm como principal função ser depositário de delinquentes. Sendo que as mesmas se mostram a população como entidades burocráticas, altamente organizadas e planejadas com o propósito de reformar os internos rumo a um padrão de cidadão moralmente correto. Percebe-se esta notável contradição de propostas sociais; do que ela diz que faz e o que realmente faz (GOFFMAN, 2008).

1.1.2 O processo de admissão do interno

O processo de admissão é dividido em três etapas, as quais o interno é submetido a um “ritual de iniciação” na instituição, sendo submetido as primeiras padronizações, uniformidades do sistema carcerário. Configurando outro nível de despersonalização, acontece quando a equipe dirigente inicia o processo de admissão: A atribuição de números; Graciliano descreve como foi esse processo de substituição de seu nome por um número, “o seu número é 35.35, anunciou. Fiquei um momento absorto, pouco a pouco me inteirei da supressão do meu nome, substituído por quatro algarismos” (RAMOS, 1998. Vol. II, p.75). O autor ainda inquiriu que essa sua nova identidade posta como um número de “batismo” foi repetido inúmeras vezes pelo guarda com o objetivo de que o mesmo a tomasse como seu.

O corte de cabelo, descrito pelo autor no seguinte fragmento em que o barbeiro da prisão passa em seu cabelo uma máquina cega, e no passar da mesma o carrasco, como conceitua o barbeiro, fica a todo instante perguntando a Graciliano se está doendo, se lhe fere de algum modo, “carrasco amável queria harmonizar-se com a vítima. A loquacidade me aborrecia; era espantoso

imaginar-me capaz de guardar ali qualquer espécie de vaidade” (RAMOS, 1998. Vol. II, p. 61).

Um aspecto muito constrangedor acontece no momento em que os “novatos” despir-se-em diante dos demais companheiros e da equipe de dirigentes da prisão. Esse processo é realizado com a finalidade de despojar de todos os pertences que o sujeito possui e que de certa forma o ligam ao mundo externo (GOFFMAN, 2008), enfatizado pelo autor nos dizeres a seguir, cujos homens de roupa de “zebra” pediam apenas que os novatos entregassem suas vestes, e esse pedido deixou Graciliano surpreso e desconcertado, pois a sua nudez é algo íntimo, posto pela moral social. “Era preciso despir-me em público ou havia lugar reservado nisso? Não havia. Perfeitamente” (RAMOS, 1998, Vol. II, p. 55). Onde posteriormente são levados para o “banho coletivo”.

Fica evidente a despersonalização do sujeito nesse processo de iniciação, e o quanto é invasivo no seu íntimo, pois algo que era reservado, individual, passa a ser coletivo. Esses rituais de padronização são formas de iniciação, costumeiramente denominadas “boas vindas” da instituição.

Segundo Goffman (2008) quando o sujeito é admitido na prisão é provável que o interno seja despido de seus aparatos de caracterização pessoal, sejam roupas, estilo de cabelo e penteado, entre outras coisas que lhe confere uma diferenciação dos demais integrantes da sociedade. Pois os bens sociais que o sujeito carrega podem interferir no controle que a instituição quer alcançar e por esse motivo são privados do sujeito.

Posteriormente as “boas vindas”, segundo Goffman (2008) são apresentadas as “regras da casa”: conjuntos relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõem as principais exigências quanto à conduta do interno. O referido processo de admissão é caracterizado por uma despedida e um começo. Despedida de uma vida externa, do eu civil, composto de relações e papéis sociais. E um começo na prisão, pois o que o sujeito era lá fora, o que possuía, não tem o mesmo valor dentro do cárcere. No livro observa-se por muitas vezes, falas dos personagens relacionados à cisão evidente entre esses “dois mundos”. Em que lá fora (sociedade) tinham

funções, lhes eram atribuídos certos valores, pelo menos eles julgavam ter, representar (RAMOS, 1998).

1.1.3 O impacto das rotinas, vigilância, regulamentos e normas na vida do interno

Um aspecto a ser discutido no contexto prisional está relacionado às rotinas que são marcas presentes de descaracterização e padronização na prisão. O personagem central descreve a rotina diária da prisão, que consistia na espera da refeição, nas visitas do comandante, nas longas falas do capitão Lobo e que posteriormente os internos tentavam preencher as várias horas ociosas de alguma maneira (RAMOS, 1998). Nas instituições totalitárias são perturbadas as ações que na sociedade civil têm papel de certa autonomia no seu mundo, a autonomia e liberdade de ação (GOFFMAN, 2008).

A vigilância é um aspecto de controle presente no cotidiano do interno, o qual tem todas as suas ações governadas pela equipe dirigente da instituição. Observa-se no seguinte relato de Graciliano o quanto era presente a vigilância no cárcere, “A vigilância continua, embora exercida por uma estátua armada a fuzil ou por uma criatura amável em excesso, começava a angustiar-me” (RAMOS, Vol. I, p. 62). Esse fato é mais evidenciado no momento em que o sujeito é admitido. Até este momento o sujeito não está acostumado com as sanções impostas no cárcere e já pode ser moldado desde o princípio de sua institucionalização. Correlacionando com a sociedade disciplinar em que sempre alguém exerce poder de vigilância para com um outro: o diretor sobre os professores; o chefe de cozinha sobre seus assistentes; o guarda sobre os presidiários (BENELLI, 2004).

Segundo a economia do poder, observou-se ser mais rentável e eficaz, vigiar do que punir. Foucault (1999) apresenta três eventos fundamentais para esta passagem: o aumento da população, a explosão de manifestações revoltosas e principalmente pela consolidação do capitalismo e meios de produção. O qual essa nova técnica de controle social, deveria arcar com as

necessidades do capitalismo. Sendo assim ocorreu a substituição do poder punitivo como na monarquia, para um poder mais estratégico e sutil, a vigilância. A vigilância possui um papel essencial no controle e supervisão dos encarcerados na prisão, podendo ser efetuada por qualquer um, em qualquer lugar.

A prisão, local de execução da pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos em dois sentidos. Vigilância é claro. Mas também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora; as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados [...] é preciso que o prisioneiro possa ser mantido sob um olhar permanente; é preciso que sejam registradas e contabilizadas todas as anotações que se possa tomar sobre eles (FOUCAULT, 1999, p.221).

O autor supracitado apresenta a importância da vigilância na prisão, não somente como forma de observar o sujeito, mas também de coletar informações deste, e assim fazer um acompanhamento mais preciso e individual de controle do mesmo. Portanto, quanto mais as pessoas se movimentam em conjuntos, torna-se melhor para supervisioná-las, com o intuito que sigam rigorosamente as regras, sob a penalidade de punir a todos pela desobediência de um como exemplo; se um faz todos pagam. Fazendo assim vigiarem-se uns aos outros (GOFFMAN, 2008).

Os internos têm sua rotina toda vigiada e determinada pelas regras e normas da instituição. Para eles, equivale a dizer que todas as suas necessidades precisam ser planejadas, gerando angústia, desconforto e aflição pela perda de autonomia decorrente do processo de institucionalização. A partir de sua vivência no cárcere, Graciliano discorre sobre os efeitos da rotina na vida do sujeito. “Decoradas certas fórmulas, aprendidos os movimentos indispensáveis, pode o soldado esquecer obrigações, até princípios morais aprendidos na vida civil” (RAMOS, 1998, vol. I, p.77). De acordo que o que foi supracitado, as rotinas institucionais têm o objetivo de controlar os indivíduos, suprimindo corriqueiramente sua autonomia de conduta e também de pensar.

O indivíduo livre não entende a nossa vida além das grades, as oscilações do caráter e da inteligência, desespero sem causa aparente, a covardia substituída por atos de coragem doida. Somos animais desequilibrados, fizeram-nos assim, deram-nos

almas incompatíveis. Sentimos em demasia, e o pensamento já não existe: funciona e para. Querem reduzir-nos a máquinas. Máquinas perras e sem azeite. Avançamos e recuamos – nem sabemos para onde nos levam (RAMOS, 1998, Vol. II, p. 215).

Segundo o que Graciliano descreve acima, é evidente que o sistema imposto aos encarcerados por meio das rotinas, regulamentos e normas, possui papel de empobrecer mentalmente o pensar, e o modo de refletir o que está sendo executado; para quê? E por quê Isso está sendo feito? Pois a partir do momento em que ocorre esse adestramento do interno fica mais fácil moldá-lo para os fins da instituição.

De acordo com Goffman (2008) quando o sujeito é “enquadrado”, suas atitudes enquanto sujeito autônomo são privadas, passando a ser apenas mais um objeto, ou peça da máquina administrativa da instituição, na qual é modelado progressivamente pela forte imposição das rotinas no cotidiano do local. Observa-se que os regulamentos e normas institucionais têm como objetivo “mecanizar” os sujeitos, torna-los autômatos. Em outro trecho do livro Graciliano expõe esse caráter totalitário da prisão:

Levaram-me a uma das formalidades inevitáveis na burocracia das prisões, num dos edifícios baixos, limites do pátio branco. Sala estreita, acanhada; homens de zebra a mexer-se em trabalhos aparentemente desnecessários [...] impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos. Provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social. A degradação se realizava dentro das normas (RAMOS, 1998, Vol. II, p. 55).

As decisões, os regulamentos são elementos constituintes da prisão, seu funcionamento, suas estratégias, seus discursos explícitos e implícitos assegurando o funcionamento e a permanência da instituição (FOUCAULT, 2012). Os regulamentos obrigam tanto quanto a sanção legal no campo jurídico, sanção terapêutica no hospital, pedagógica na escola, (re)educativa na prisão. Nas instituições totalitárias como a prisão, é evidente que até as menores e mais simples atividades dos internos são obrigatoriamente sujeitas aos regulamentos e normas do grupo de diretores (BENELLI, 2004; GOFFMAN, 2008). Percebe-se o quanto é rígida a rotina no contexto prisional no fragmento da obra em que Graciliano apresenta como a prisão tomou as providências em relação a um interno que veio a falecer em sua cela; “O jeito

de fazer o enterro, a mudança de uma criatura humana em pacote jogado fora sem quebra da rotina, expôs-me com horrível clareza a insignificância das nossas vidas” (RAMOS, 1998, Vol. II, p. 131). Demonstra-se a partir desse relato a tamanha negligência perante a dignidade do ser humano, nem diante da morte, algo tão forte socialmente, a instituição quebra sua rotina e o ocorrido passa como se não fosse nada além do normal.

A instituição tem como característica o caráter regulador e normativo aos aspectos sociais, institui normas, regras de conduta as quais o sujeito institucionalizado deve seguir estipulando assim o que é permitido ou não internamente (ROMANINI E ROSO, 2012). Sendo assim, qualquer regulamento, ordem ou tarefa, que obrigue o indivíduo a adotar tais movimentos ou posturas, pode modificar seu eu. Essas sanções impostas pela equipe dirigente privam do sujeito o seu direito de exercer suas necessidades pessoais com a finalidade de trazer equilíbrio ao eu. Desta forma a autonomia do ato é violada por esse processo de institucionalização da prisão enquanto instituição total (GOFFMAN, 2008).

A penalidade imposta pela cadeia é uma evidente medida de controlar e disciplinar o interno e, infelizmente progredir a marginalização do mesmo, a reclusão social e as relações interpessoais que são comuns e essenciais ao funcionamento da máquina chamada homem. Esse método mostra-se um fator preponderante na confirmação de um sistema falho comprometendo na eficácia de recuperação dos seus detidos (CREPOP, 2012).

As prisões não diminuem a taxa de criminalidade: pode aumenta-las, multiplicá-las ou transformá-las, a quantidade de crimes e de criminosos permanece estável, ou, ainda pior, aumenta. [...] a detenção provoca a reincidência: depois de sair da prisão, se têm mais chances que antes de voltar a ela, os condenados são, em proporção considerável, antigos detentos (FOUCAULT, 1999, p.221).

De acordo com o que foi apresentado pelos autores supracitados, percebe-se que as prisões deveriam possuir o papel fundamental de captar sujeitos que de certa forma provocam desordem, que vão de encontro aos preceitos morais e legais da sociedade. São alocados em locais respectivos

aos seus cuidados com o objetivo de trata-los, educa-los e posteriormente (res)socializa-los.

2 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo é eminentemente bibliográfica, segundo Lakatos (2009) é baseada no levantamento de toda a bibliografia já publicada, seja impressa e/ou digitais de autores que discutem a temática. Posteriormente foram feitos os fichamentos para auxiliar na construção e organização das ideias (MENDONÇA, 2011).

A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material publicado, que tem como principais meios de consulta e pesquisa: livros, artigos científicos, teses, monografias entre outras. Em relação ao material coletado via internet, deve-se atentar a credibilidade, confiabilidade e fidelidade das fontes de pesquisa (PADROV, 2013).

De método qualitativo, que possibilita ao pesquisador, pesquisar, explicar e analisar fenômenos, pois esses fenômenos não são passíveis de ser quantificados, tais como: crenças, valores entre outros (HOLANDA, 2006).

De cunho exploratório, se caracteriza por uma pesquisa empírica que tem três finalidades: a formulação do problema; desenvolvimento das hipóteses e aumentar a familiaridade do pesquisador com o tema a ser trabalhado (LAKATOS, 2009).

Cuja abordagem é fenomenológica, sendo conceituada como “a descrição das experiências vividas” de um ou vários sujeitos acerca de determinado fenômeno. O pesquisador deve utilizar questões que possibilitem a análise da experiência, a partir da coleta de dados dos sujeitos que experienciaram o fenômeno, sendo realizados a partir de entrevistas, estudos de caso, depoimentos entre outras formas de coleta de informações (HOLANDA *apud* CRESWELL, 1998).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permite conhecer melhor o impacto do sistema carcerário a partir dos relatos de Graciliano, na obra *Memórias do Cárcere*, na qual descreve fidedignamente o ambiente da prisão, possibilitando fazer uma análise da despersonalização imposta aos internos.

Observa-se que o ambiente em que o preso é alocado, seja por suas condições precárias e/ou pelo poder disciplinar imposto pelo sistema, apresenta significativo abalo na estrutura psíquica do sujeito. Devido ao fato que a partir de sua admissão e permanência no cárcere ele é assujeitado a diversos processos de padronização, normatização, que tem por finalidade o controle do sujeito.

Nessas instituições conceituadas por Goffman (2008) como totais, o sujeito é privado de várias coisas que o identificam, que o singulariza dos demais, mas, com a padronização: do corte de cabelo; da vestimenta; do comportamento e pelos abalos à dignidade humana que são aspectos presentes no submundo das prisões, despersonalizam esse sujeito que passa a ser despojado de sua cultura aparente (antes da institucionalização).

De acordo com o que foi apresentado no referido trabalho fica evidente como o sistema carcerário agride o sujeito de todas as formas possíveis, seja ela física ou mental. Gerando uma tensão psicológica entre o que o sujeito era na sociedade e como o tornam no cárcere. Essa questão é de interesse tanto sociológico (pois o indivíduo vive em um contexto de relações sociais) quanto psicológico (a importância dessas relações para o sujeito).

REFERÊNCIAS

BENELLI, S.J. **A Instituição Total como Agência de produção de Subjetividade na Sociedade Disciplinar.** Estudos de Psicologia, Campinas, v.21, n.3, p.237-252, 2004.

CREPOP. **Referências Técnicas para a Atuação das (os) psicólogas (os) no Sistema Prisional.** CFP, Brasília (DF), 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Graal, São Paulo, 2012.

_____: **Vigiar e Punir.** Nascimento da Prisão. Petrópolis, Vozes, 1999.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos.** 8ª ed. São Paulo, 2008.

HOLANDA, A. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica.** Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a10.pdf> acessado em: 11/12/2013.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª ed. 7 reimpr. Atlas, São Paulo, 2009.

MENDONÇA, G.M. **Manual de Normatização para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos.** Salvador, Unifacs, 2011.

PRADOV, C.C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo, Freevale, 2013.

RAMOS, G. **Memórias do Cárcere.** vol.I e II, Record, 1998.

ROMANINI, M; ROSO, A. **Psicanálise, instituição e laço social: O grupo como dispositivo.** Psicologia USP, São Paulo, 2012 disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/2012nahead/aop0512.pdf>> acessado: 12/09/2013.

FACULDADE LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EDUARDO ALEXANDRE TELES BEZERRA

**INSTITUIÇÃO TOTAL E DESPERSONALIZAÇÃO: ANÁLISE
PSICOSSOCIAL DA OBRA MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE GRACILIANO
RAMOS**

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2013